

AURORA OBREIRA

REVISTA N° 69
ANO 5 - 2016
DEZEMBRO

EDUCAR, ORGANIZAR, EMANCIPAR!

REVOLUCIO



[HTTP://ANARKIO.NET/FENIK50](http://anarkio.net/fenik50)

EDITORIAL

O anarquismo vê no Estado um dos principais obstáculos as ânsias de liberdade, e a não-violência vê na força, na imposição, no Poder, a origem da violência. Se seguimos com honestidade a flecha de análise anarquista, criticaremos o autoritarismo, ou seja, a imposição ou dominação por contrária ao livre acordo, tal como mil vezes foi repetido. No último termo, um anarquismo radical (que vai a raiz) nos diria que qualquer tipo de imposição, qualquer tipo de força, qualquer tipo de violência, deve ser rechaçada. O anarquismo radical é, portanto, Não Violento.

Se por outro lado, aprofundamos na origem da violência, falamos de uma série permanente de estruturas de opressão, de Poder, que são as que exercem a violência, e entre elas destaca com evidência o Estado. A não violência radical deveria ser, pois, anarquista.

Outro nexos de união entre o libertário com o não violento é a defesa irrestrita que se faz do caminho. O anarquismo destaca por sua ênfase em já construir aquela sociedade proposta. Se trata de colocar em marcha o novo mundo porque nele está sua própria realização: assim, a construção de uma organização social federalista, descentralizada, se experimenta agora nos coletivos anarquistas, organizados em confederações e federações livremente associadas. Nisto é o que consiste a propaganda pelo fato e pela ação direta. A tomada de decisões não se delega a organismos que centralizam o Poder, mas que se leva a adiante cotidianamente através da assembleia.

AURORA OBREIRA

Barricada Libertária. iniciativa de ação direta para divulgação e propaganda do anarquismo sem partidos. sem religião. sem Estado.



AURORA OBREIRA

Número 69 - Dezembro 2016. Revista para divulgação do anarquismo atual e na construção de uma sociedade sem classes. sem opressão e sem exploração.

Redação: Barricada Libertária

Colaboração: Fenikso Nigra.

Movimento Anarquista. Danças das Idéias. ATB. Iniciativa Federalista Anarquista-Brasil

Esta revista foi feita em soft livre. Scribus. Libreoffice. Inkscape. Gimp. OS Mint 17

Contatos:

Barricada Libertária: lobo@riseup.net

barriliber@riseup.net

Fenikso Nigra: fenikso@riseup.net

ou fenikso@anarkio.net

<http://anarkio.net>



-Creative Commons: Ioj rezervitaj rajtoj

-Atribuo: Vi citu ĉi tion aŭtoron:

Copyleft: Liberacana Barikado (LoBo) - 2016;

-Ne komerce uzo: Vi ne komercu tion verkon!;

-Oni partoprenas kun sama Permeso 3.0 Brazilo:

Por reprodukti, disvatigi, vi uzu egalan permeson;

-Vi vidu kompletan permeson:

<http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/3.0/>

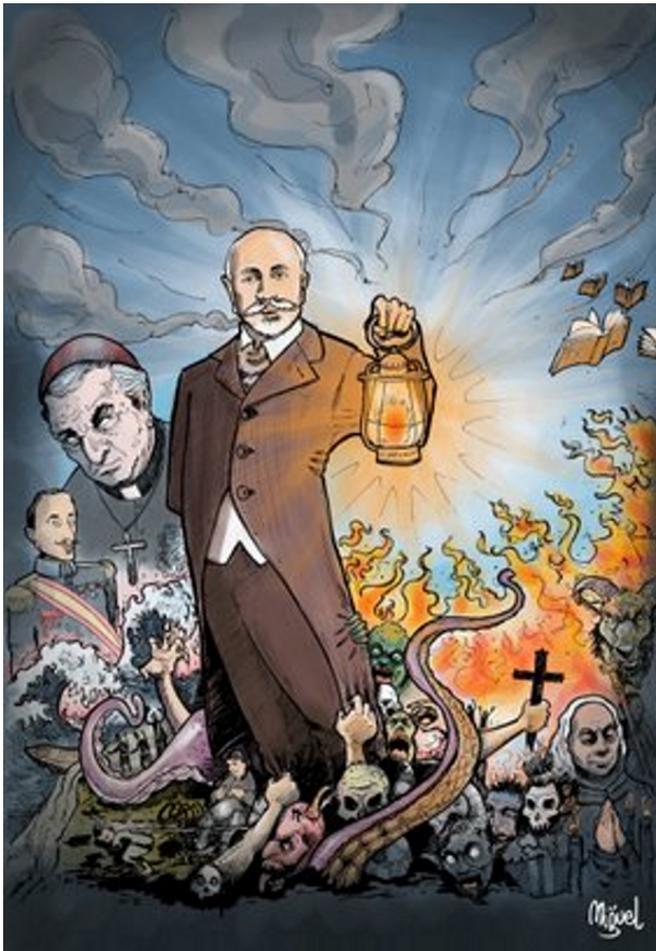
<http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/3.0/br/legalcode>



Rafael Braga

Pessoa Presa e
Perseguida Política pelo Estado
Brasileiro
Liberdade e Indenização JÁ!

anarkio.net



Anarquia e Educação

Se o socialismo em geral tem dado grande importância a educação, para o anarquismo em particular tem atuado muito nessa área. Foi assinalado o trabalho de manutenção da ordem social e da repressão direta que exerce sobre a escola. Se diante disso referimos que o anarquismo pretende que a sociedade funcione em base de valores como liberdade, solidariedade, responsabilidade... nos encontramos diante da necessidade de um novo tipo de pessoa, que cause a diferença no período revolucionário, deve ser anteriormente desenvolvido.



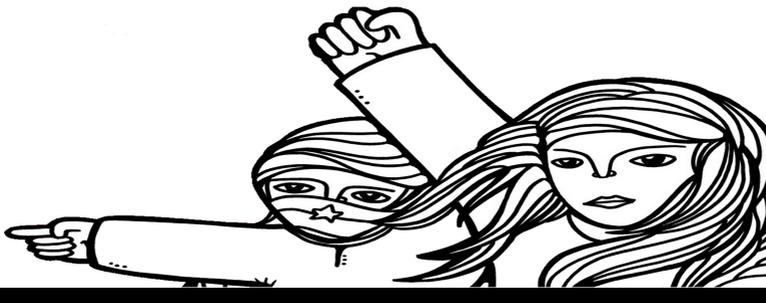
Teoria

Teoricamente o anarquismo não tem desenvolvido pedagogias – entendidas como teorias da educação – originais, mas se mantém atualizado das novidades na matéria e tem sabiamente assumir como próprias aquelas que lhe eram mais próximas, adaptando-as a seu caráter particular.

Racionalismo

Sobre tudo nos inícios do movimento, quando as religiões marcavam a moral da sociedade e nada se fazia sem sua benção, se levantava a bandeira do racionalismo. O anarquismo é herdeiro dos ideais de Iluminismo com o qual se alcunhou com as consignas de liberdade, igualdade e fraternidade. Se considera que a ciência é o único instrumento para chegar a verdade, e que coloca em evidência que a religião e o patriotismo não passam de enganações, cujo o fim é justificar a desigualdade nas sociedades e a guerra entre povos.

Hoje em dia o anarquismo tem perdido o otimismo a respeito da ciência. Por motivos que já foram redigidos, é muito difícil acreditar que a ciência se desenvolve de forma neutra guiada de forma exclusiva por sua própria lógica interna e que sua evolução necessariamente melhora a sociedade. Mas não a reneguemos, o que queremos – frente ao fato que a ciência está nas mãos de poucas pessoas sacerdotisas a serviço das pessoas poderosas – é que possa ser compreendida, ampliada e aplicada para todas as pessoas.



Educação Integral

Este desejo nos leva a outra base da pedagogia anarquista, a educação integral. É contraposta a uma preparação seletiva, e ao modelo que tem como horizonte de justiça e equidade a igualdade de oportunidades; a saber, cuja máxima aspiração é que se perpetuem as desigualdades, mas que todos tenhamos a probabilidade de estar em uma ou outra posição. Frente a isso o anarquismo assinala que a divisão social se serve da existência dos conhecimentos: uma orientada ao trabalho intelectual (e que prepara as classes dirigentes) e a outra mais básica profundamente técnica e de assimilação da ordem vigente (e que leva a ser uma pessoa trabalhadora de base).

O anarquismo propunha o desenvolvimento de todas as capacidades do indivíduo, que o possibilite tanto em participar diretamente na produção, como a dirigi-la, que o permita tanto discutir os aspectos filosóficos de uma questão, como não ficar para trás porque teve que se dobrar diante das pessoas “especializadas”. Tudo em vistas de uma sociedade em que se trocam os trabalhos físicos e intelectual, de produção pura e de tomada de decisões e gestão.

Diante de uma educação eminentemente “decoreba”, baseada em repetir os conceitos e esquemas preestabelecidos, se reivindica uma educação baseada na prática e na reflexão crítica. A educação é então um processo, que em resumo não deve se limitar as crianças e as pessoas jovens, mas sim formar parte da própria vida em todas as suas etapas (o que os pedagogos denominam educação permanente).

Autogestão educativa

Além disso, a prioridade é que as pessoas sejam livres, o anarquismo propõe que a liberdade só se pode ascender por meios coerentes, a saber, por caminhos de liberdade. Por isso se entende que deve ser o próprio aluno o responsável em última instância de decidir o que quer aprender, como e quando fazê-lo. Também ele evolui o processo de ensino-aprendizagem. Para ele e porque não se educa para competir no mercado do trabalho, são rejeitados os prêmios e os castigos em geral, as notas em particular.

Paidocentrismo

Nessa linha, está difundida a ideia de que a educação é mais uma tarefa de eliminar as condições que rodeiam a criança para que possa desenvolver suas capacidades livremente – especialmente o princípio da autoridade que rege a relação criança-adulto – do que introduzi-lo fora destes conceitos e valores. Este conceito se denomina educação centrada na criança (paidocentrismo).

Esta postura, que não é nova (de fato sua grande pessoa teórica é Rousseau), está presente na atualidade por teorias psicológicas que encontram a causa da auto-repressão e violência que regem a vida das pessoas adultas, na repressão e violência que foi exercido nelas quando crianças.

As teorias que giram em torno deste modelo, se denominam no âmbito acadêmicos como pedagogias libertárias.



Não a escola

A escola é um instrumento de doutrinação que não só uniformiza e inculca valores diretamente, como também justifica o fato que existam dirigentes e dirigidos, dependendo do exito que tenha nessa relação. Além disso está estatisticamente demonstrado o quanto se vá bem na escola depende principalmente de nosso redor (todo o nível cultural e econômico de nossa família). Mas ainda que estivesse em uma acreditável igualdade de condições, não deixaríamos de estar menos contra esse modelo.

A sociedade estratificada é injusta, não os métodos pelos que nos coloca em uma ou outra posição.

Ademais a escola generaliza a ideia de que ela é o único meio educativo válido. De que atrás de uma aprendizagem que não tenha o selo oficial, de nada vale. Levamos a pensar que quase tudo aprovado com assinaturas e carimbos foi sem ter aprendido nada, mas se perdendo um tempo precioso, e também assimilamos conhecimentos vitais para nós sem a necessidade de uma alguma escola.

Sendo rigorosos com os princípios expostos anteriormente, é difícil aceitar a escola. O que se aprende em um recinto fechado, que nos separa do cotidiano, mediante simulações, através de pessoas que não se dedicam ao que nos ensinam – está unicamente pelo ensinar em si – é muito difícil de integrar na própria vida. Na prática se diferencia entre o dia a dia e a escola, não se consegue assim uma educação integral.

E se o que queremos é fomentar a autonomia, não parece muito coerente que a assistência seja obrigatória, nem que existam programações de estudos, nem profissionais de ensino, que de uma forma ou outra dirigem os escolares.

Mas é claro, uma escola sem recinto, sem assistência obrigatória, sem currículo e sem docente, não é escola.

Como se propõe então que as crianças e jovens aprendam o que necessitam para vida? Vivendo. A comunidade deve se conscientizar de que é um grande instrumento educativo e atual como tal. Para

quem tenha interesse existirão recursos variados: oficinas abertas, museus, grupos de aprendizagem, pessoas especialistas em distintas áreas e matérias...



Educar para ser rebelde

De uma perspectiva muito distinta ao paidocentrismo, há muitas pessoas que defendem que a educação basicamente é a integração no seio de uma sociedade, sem a qual, de um ponto de vista do anarquismo social, o indivíduo não tem sentido. Essa integração se faz de forma inconsciente; aprendemos principalmente por imitação, absorvemos como esponjas o nosso redor, sem darmos conta disso.

Neste ponto de vista chegamos a conclusão de que se não educamos

na crítica do sistema, e se não colocamos em prática essa crítica, o sistema absorve os indivíduos sem que se deem conta.

Poderíamos acreditar que uma pessoa que se tem desenvolvido em um meio em que é responsável de si mesma, participava nas decisões que a afetava, não se oporia nada que rejeitasse... para se integrar na sociedade – por exemplo, no mundo do trabalho - , deve experimentar uma reação de rejeição a si mesma, se convertendo por tanto em uma rebelde e uma inimiga do sistema. Desgraçadamente isso não é assim. Parece que há menos medos e inseguranças que o resto das pessoas, que são mais desenvolvidas, mas somente para se acomodar na sociedade sem grandes crises vitais.

E nos topamos com o grande debate, a grande tira e afrouxa em que se encontram os anarquistas que intervêm no âmbito da educação: Deixamos que o sistema imponha seus princípios ou impomos os nossos ao rejeitar, aos do sistema?

Em um extremo temo um oásis que resguarda as crianças da sociedade, em outro, um laboratório onde se discute prevenções dos perigos que os cercam.

Me permito uma nota pessoal como hipótese. Me parece que o que as pessoas jovens optem por uma atitude crítica com o sistema e essa atitude cristalize em sua vida futura, é influência se em seu redor imediato exista um movimento de luta forte, onde se vivam os valores que queremos transmitir. Uma pessoa jovem, que não se tenha educada explicitamente nas ideias anarquistas, mas que se formou em um ambiente militante (não reduzido exclusivamente ao âmbito familiar), talvez tenha mais probabilidades de assimilar esses valores, que outra que tenha tido uma abertura de consciência em uma escola anarquista, mas que não tem outra referência. Atue, que o melhor ensino, enquanto a transmissão de valores, costumes e atitudes, são os exemplos do dia a dia.





Antipedagogia não meramente desescolarização

E por último a posição mais rigorosa, a que afirma os males dos bons professores, é que é o pior. Uma Escola sem professores não está tão mal: há suficiente conhecimento disponível. Segue, por suposto, fazendo danos, pois seus materiais tem sendo política e ideologicamente selecionados, respondendo a um trabalho policial de exclusão. Mas, com a Escola sem Escola, por debaixo das redes de Administração ou arenas movediças da Família, a figura ético-filosófica do “Professor” (entendida não como categoria sócio-laboral, mas como uma posição de autoridade moral e intelectual, assumida por uma “pessoa funcionária” recrutada pela organização estatal para levar adiante seu programa de refundação da subjetividade juvenil, de “reforma moral” das pessoas escolarizadas, em suma, que por um “pai” dissidente comprometido com a “educação em família”, assumindo o papel autoritário de superprofessor, supercorretor do caráter, super-demiurgo) estraga agora a possibilidade de inteligência, da criatividade, da fantasia e da crítica.

A antipedagogia submete a figura do “Professor” a uma crítica radical, de índole filosófica e arqueológica, teórica e empírica, histórica e sócio-psicológica. E a denuncia o conservadorismo das propostas educativas libertárias, que se escalonam das muito

patéticas “Escolas Livres” até as experiências anestésicas da “Educação pela Família” e outras armações pseudo-informais. Simpatiza com as modalidades históricas da “educação comunitária” (indígena e cigana por exemplo), educação sem escolas, sem professores e sem alunos, educação que, em lugar de se “impor”, sensivelmente se respira. Simpatiza em si mesma com o “ludismo” estudantil, com as práticas difusas de “resistência” imoral (toda contestação verdadeira é imoral) a agressão da Escola e de seus educadores mercenários – destruição dos instrumentos de tortura, mesas, cadeiras, quadros negros etc. Intimidação e assédio aos questionadores, fraude, sabotagem, interrupções múltiplas, absenteísmo... Aplauda também o gesto digno de sonhar, de um anti-professor que desembarcará nas aulas, disfarçado de “ensinante”, para conquistar, por via de uma perseverança no Crime, a medalha da Expulsão.

Como se havia advertido, na crítica antipedagógica há, por utilizar expressões alheias, um elemento de lucidez, outro delírio e um terceiro de complô, Lucidez, delírio e complô contra o idiotismo racional do professor contemporâneo.





Prática Escolas Libertárias

Uma escola – ou um projeto educativo ligado ao típico colégio – é o sonho e projeto de muitas pessoas companheiras, poucas se aprofundam e muito menos mantêm continuidade. Houve e há uma grande variedade de propostas, que a sua vez tem evoluído com a prática. Das escolas muito militantes onde se incide as iniquidades do sistema a escolas que se reclamam neutras. De umas onde as pessoas alunas tem um horário para cumprir, até outras onde as deixa em absoluta liberdade para fazer o que querem – inclusive nada - . Das que se declaram anarquistas, até outras que se preocupam unicamente com o bem-estar da criança e não se propõe nenhuma mudança nas bases da sociedade.

Se pode redigir, que segundo o avanço do tempo, os distintos experimentos realizados cada vez mais ampliam os espaços de liberdade das pessoas alunas. Se busca que todas as pessoas membros da comunidade educativa tenham as mesmas oportunidades de expressão e capacidade de decisão e se promove sua autonomia pessoal e coletiva.



Pessoas Trabalhadoras Libertárias na escola

Nosso pressuposto básico é de que a escola estatal e a privada são sempre instrumentos repressivos, nunca de libertação.

Os que podem ser libertadores são determinadas lutas e movimentos que se desenvolvem em seu seio. A ideia geral é que se refere ao seu nome: escola pública. A luta é por uma escola em mãos de seus membros e da comunidade em que se insere, do povo. Quero remarcar que este programa não se pode completar sem a troca profunda da sociedade, mas o mesmo pode ajudar essa troca.

Causará surpresa, mas muitos dos projetos teóricos que defendemos obtiveram realização por legisladores educativos. A ciência se considera a principal fonte de saber, temos oficinas nos institutos onde se aprende carpintaria, elétrica..., (educação integral), se promovem pedagogias ativas onde o aluno é o protagonista, se considera que se deve partir de seus interesses, que deve estar motivado (certo paidocentrismo), se lhe dão vias de participação no centro (autogestão)... Os tecnocratas tem escutado nossa canção e tem feito a letra, mas não a música. O espírito se perde totalmente quando se intenta impor de cima – em ocasiões, com aparente boa vontade – e as escolas seguem sendo uma instituição onde praticamente tudo vem imposto. Onde o aluno está sujeito a um rígido controle. Onde se diz que se deixa pensar, mas não lhe permite chegar a suas próprias conclusões. Onde o livro do texto – algo tem fechado e artificial – e a assimilação de seus

conteúdos são base da aprendizagem... Sem se questionar esse contexto, sem promover a transformação social, o propor ou impor certas metodologias (trabalho em grupo, aprendizagem por investigação...), ou bom não se pode levar a prática, ou é um tecnicismo sem maior relevância.

Como estudantes, sofredores diretos do sistema educativo, os anarquistas tem lutado e lutam primeiro por ter voz em uma instituição que não lhe somente tomam conta, que diz querer formar pessoas responsáveis mas não lhes da nenhuma capacidade de decisão real. Lutam por reformar os conteúdos, as metodologias – decoreba em sua maior parte - , exigindo aprender o que lhes interessa de uma forma prática, e poder se marcar e evoluir seus próprios objetivos.

Dada a função da escola e da sociedade, se pode comparar o mestre ao policial e ao carcereiro. Sem ressalvas, historicamente, é uma profissão querida pelos anarquistas. Se bem, não somente houve em seu seio movimentos pedagógicos propriamente anarquistas, não significa que os docentes libertários tenham ficado de braços cruzados. Individualmente tem intentado desenvolver seu trabalho de forma menos incoerente que lhe seja possível. Ademais de participar nos movimentos de reforma pedagógica que são um espaço de reflexão sobre a prática educativa e pretendem transformar a escola a partir de baixo, com a experiência dos professores.

Entre essas experiências e as das escolas libertárias tem uma relação de dialogo. As práticas de umas podem desenvolver outras e vice-versa. Por exemplo, o uso da imprensa por parte dos alunos parece que surgiu em uma escola libertária do século XIX, foi assumido por movimentos na escola estatal a princípios do século XX, o que ajuda a sua difusão também em outras escolas libertárias.

Também há que mencionar, como não haveria, que os libertários consideram que a única luta digna no âmbito escolar é a que procura a destruição da escola, e que o único professor digno é o que se demite.

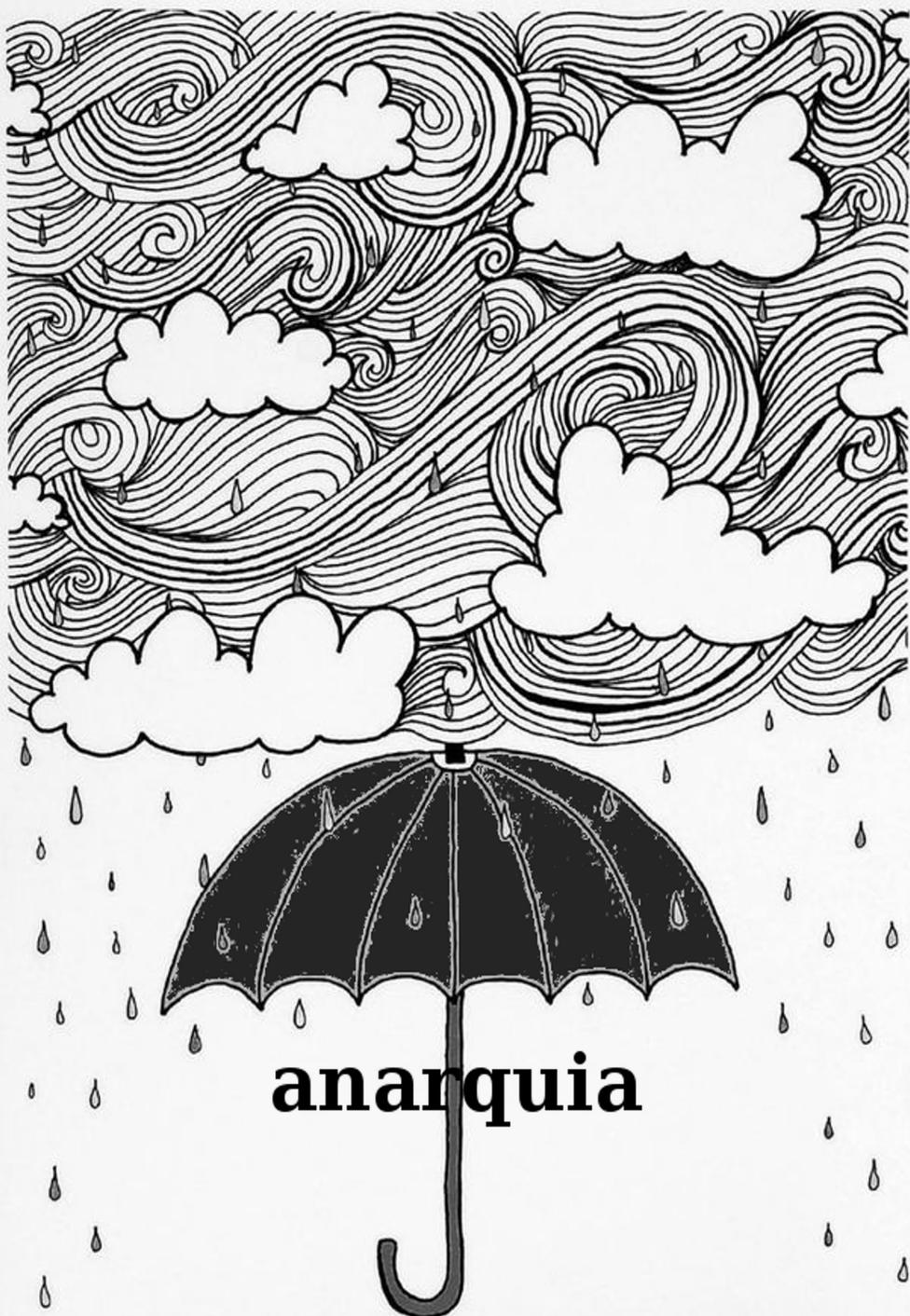
Objeção escolares

Na segunda metade do século XX surgiu este movimento, que consiste em não escolarizar as crianças. Por geral é a família a que cuida deles, ainda que também exista experiências mais coletivas.

As razões que levam alguns pais a tomar essa decisão variam: desde religiosas – integristas cristãos que não querem se eduque a seus filhos em teorias com da evolução das espécies – afetivas – que não suportam ver como seu filho sofre em uma escola em que não se adapta – pedagógicas – consideram que ele podem realizar uma melhor formação. Por tudo, é uma atuação de postura anti-escola, embora nem todos que a praticam compartilham as mesmas ideias.

Essa prática remete que as famílias devam ter níveis culturais e com bastante recursos para que se dediquem ou que ao menos uma pessoa se dedique de forma exclusiva a formação dos filhos. É certo que hoje em dia isso não pode ser assumido por qualquer um, mas não significa que devemos criticar ou deixar de apoiar a quem possa. Também é comum apontar que as crianças são privadas do convívio social com seus iguais. Neste ponto há que assinalar que estas famílias atentas a essa questão, inscrevem seus filhos em atividades extraescolares, além de realizar reuniões periódicas entre elas, passam temporadas convivendo uma na casa da outra para trocar conhecimentos e propiciar novas experiências... E se pode insinuar que se acaba substituindo a pessoa professora profissional pelo pessoa professora familiar.





anarquia

Pessoas ajudam pessoas!



lernu esperanto

aprenda
esperanto

anarkio.net



NOSSA Casa NOSSA luta!

Iniciativa por espaços
sociais autônomos
sem partidos, sem patrões
sem religiões, sem Estado
anarkio.net - fenikso@riseup.net

Vizitu nian
interetan paĝon



HTTP://ANARKIO.NET



- Tekstojn;
- Imagojn;
- Agojn, ktp

Retadreso:

fenikso@riseup.net aŭ barriliber@anarkio.net
lobo@riseup.net

ANARKIO.NET

ATÉ O FIM DE TODAS
CLASSES SOCIAIS